



viola
braguesa
PORTUGAL







FICHA TÉCNICA:



CADERNO DE
ESPECIFICAÇÕES
PARA A CERTIFICAÇÃO

COORDENAÇÃO DO ESTUDO E TEXTOS
Graça Ramos

ACOMPANHAMENTO TÉCNICO
Construtor Domingos Machado

EDITORES
Miguel Bandeira
Teresa Costa
Fátima Pereira

FOTOGRAFIA
Sérgio Freitas
Câmara Municipal de Braga

DESIGN GRÁFICO - LOGÓTIPO E PAGINAÇÃO
Sandra Luzes
Câmara Municipal de Braga

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Braga

Braga, março de 2017

ÍNDICE

Introdução

1 - Nome que identifique o produto ou denominação de venda do produto e respetiva proposta de logótipo (marca de indicação geográfica)

2 - Enquadramento cultural e histórico-geográfico da produção "Viola braguesa - Portugal", considerando a respetiva origem e/ou o seu vínculo ao centro difusor mais relevante

3 - Delimitação geográfica da área de produção

4 - Identificação e caracterização das matérias-primas e respetivos modos de produção (tecnologias artesanais tradicionais)

5 - Características do produto "Viola braguesa - Portugal"

6 - Condições de inovação do produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto

Bibliografia





A Câmara Municipal de Braga, ciente da importância e da especificidade da produção artesanal tradicional "viola braguesa", instrumento tradicional de cordas (cordofone) emblemático na região e de relevante valor histórico e cultural para a música popular associada ao território bracarense, pretende avançar como o processo da sua certificação, valorizando, divulgando e protegendo, assim, a produção e os seus construtores.

Desta forma, foi solicitado à **Associação Portugal à mão - Centro de Estudos e Promoção das Artes e Ofícios Portugueses**, um estudo e a elaboração de caderno de especificações para a certificação desta produção artesanal, documento que agora se apresenta.

O Caderno de Especificações constitui o documento que suporta o Processo de Certificação de um determinado produto e, como tal, deve definir e apresentar todos os elementos que caracterizam esse produto e lhe conferem a sua específica identidade. Trata-se de um documento normativo que regulamentará a implementação do processo de certificação através de uma IG - Indicação Geográfica "Viola braguesa -Portugal".

O Caderno de Especificações contém, pois, o conjunto de elementos que definem as características técnicas e estéticas que tornam única a viola braguesa, individualizando e diferenciando este instrumento tradicional de cordas relativamente a outras violas de arame similares, quer nacionais quer estrangeiras.

INTRODUÇÃO





Mais concretamente fornecerá os seguintes elementos:

Nome que identifique o produto ou denominação de venda do produto e respetiva proposta de logótipo (marca de indicação geográfica)

Enquadramento cultural e histórico-geográfico da produção "Viola braguesa - Portugal", considerando a respetiva origem e/ou o seu vínculo ao centro difusor mais relevante

Delimitação geográfica da área de produção

Identificação e caracterização das matérias-primas e respetivos modos de produção (tecnologias artesanais tradicionais)

Características do produto "Viola braguesa - Portugal"

Condições de inovação do produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto

**NOME QUE IDENTIFIQUE O
PRODUTO OU DENOMINAÇÃO DE
VENDA DO PRODUTO E RESPECTIVA
PROPOSTA DE LOGOTIPO (MARCA
DE IDENTIFICAÇÃO GEOGRÁFICA)**

A Câmara Municipal de Braga, entidade promotora do presente processo de certificação, vem requerer, junto do IEFP, I.P., o registo da produção artesanal tradicional "Viola braguesa - Portugal.

Trata-se de uma marca composta por símbolo e denominação, cujo logótipo será como a seguir se exemplifica (a cores, preto e branco ou negativo) e como consta de manual de identidade respetivo:



Este pedido de registo é sustentado pelo caderno de especificações da produção artesanal "Viola braguesa - Portugal" aqui apresentado, o qual foi elaborado de acordo com o estabelecido no Decreto-Lei n.º 121/2015 de 30 de Junho que cria e regulamenta o Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Artesanais Tradicionais, sistema este que

é da responsabilidade e gestão do IEFP, I.P. (Instituto de Emprego e Formação Profissional).

Findo o processo de registo, e após decisão proferida pelo Presidente do Conselho Diretivo do IEFP, I.P. que deverá ser publicitada na 2.ª série do Diário da República e estar disponível no Portal do IEFP, I.P. e nos portais do Cidadão e da

Empresa, a produção artesanal tradicional em questão passa a integrar o Registo Nacional de Produções Artesanais Tradicionais Certificadas. Posteriormente, a entidade promotora promoverá o registo da denominação da produção sob a forma de IG - Indicação Geográfica junto do INPI, I.P. (Instituto Nacional da Propriedade Industrial).



ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DA PRODUÇÃO ARTESANAL TRADICIONAL - VIOLA BRAGUESA - PORTUGAL

Desde tempos medievais, e mais especificamente desde as manifestações poético-musicais trovadorescas galaico-portuguesas, que os instrumentos de cordas ganharam uma projeção dominante na Península Ibérica, contribuindo sobremaneira para a evolução da música em Espanha e Portugal. Também aqui, no Renascimento, os cordofones e, dentro destes as violas e as cítaras se impuseram; enquanto que o resto da Europa dava primazia ao alaúde, na Península Ibérica imperava a vihuela, antepassada da nossa viola que, como a guitarra, deriva, possivelmente, da guitarra latina trovadoresca, de onde herda a sua estrutura morfológica essencial. A vihuela tem uma vida curta mas brilhante. Nos finais do séc. XVI decai, ao mesmo tempo que se dá a ascensão de outro instrumento, com a mesma forma, mas com cinco ordens de cordas (designada em Espanha por guitarra espanhola) e que é ainda utilizada na Europa dos séculos XVII e XVIII, como instrumento para música erudita.

Estes instrumentos de corda, à semelhança de muitos outros, foram sendo abandonados pela elite erudita, permanecendo e chegando até nós com algumas alterações através das camadas populares. Foi o que aconteceu com a viola que chegou aos nossos dias com pequenas alterações, mas mantendo o essencial. Rapidamente a viola ganhou primazia entre os instrumentos musicais populares, passando a ser o preferido, assegurando funções puramente lúdicas e de acompanhamento de danças populares. Assim, prevalecem na nossa cultura associados à música profana, elementar, de caráter simples e ritmos regulares, repetitivos e vivos. Aliás, este mesmo caráter lúdico dos cordofones é comprovado historicamente, como já atrás dissemos: a viola foi instrumento muito importante na música lírica trovadoresca e encontra-se representada em inúmeras fontes documentais e iconográficas, sempre em ocasiões profanas, de festa, danças e diversões.





PERCURSO HISTÓRICO DA VIOLA DE MÃO EM PORTUGAL

Mais concretamente em Portugal, e segundo Manuel Morais no seu texto "A Viola de Mão em Portugal", pelo menos desde meados do século XV a inícios do século XIX que o vocábulo "viola" é empregue como nome genérico de uma família de instrumentos de corda com braço. Encontramos alguma confusão, nomeadamente nos séculos XV e XVI, quanto aos vocábulos "violla" e "guitarra", que aparecem escritos indistintamente como referência ao mesmo instrumento. No entanto sabemos hoje que designavam coisas distintas, sendo a guitarra descendente da família das cítaras (como a evolução do próprio vocábulo pode comprovar). Ainda segundo apurado por Manuel Morais no seu estudo sobre violas de mão portuguesas, *"no nosso país, desde o século XV até aos inícios do XIX, o vocábulo viola é sobretudo usado para designar um cordofone de mão de caixa em forma de oito, tampo harmónico (...), fundo chato ou ligeiramente abaulado (feito em duas metades), ou em tiras ("costilhas") de meia cana, boca (...) ornamentada com roseta rasa (...) ou funda (...), braço (ou "pescoço") longo terminando por um cravelhal em pá com cravelhas dorsais, ou do tipo usado pelo alaúde ou pela guitarra (do séc. XV, em foice) com as cravelhas laterais, escala (...) rasa com o tampo e dividida cromaticamente por trastes móveis (de tripa) ou fixos (de madeira, marfim ou osso), cavalete fixo colado sobre o tampo harmónico. Este instrumento pode ser montado com quatro, cinco, seis ou sete ordens de cordas duplas (ou triplas no séc. XVIII), de tripa de carneiro ou de metal."*

As referências mais antigas conhecidas sobre cordofones de mão em Portugal encontram-se em documentos do século XV, mais precisamente em 1442, 1459 e 1477, sendo que a referência de 1459, um documento (petição) apresentado nas cortes de Lisboa, refere já especifica e isoladamente o termo "violla", o que pressupõe a assunção do termo de forma genérica e consensual. Também na obra de Gil Vicente encontramos referência assídua ao instrumento musical viola (citada em nove dos seus Autos).

Outros testemunhos existem que atestam a importância e uma prática alargada da viola de mão em Portugal nos sécs. XVI e XVII. Um outro documento fundamental para o conhecimento deste instrumento é o Regimento dos Violeiros Portugueses, de 1572, que estabelece e dá a conhecer as regras inerentes à arte da construção da viola de mão e outros cordofones e que regulamenta a atividade destes "oficiais mecânicos" - os violeiros, controlando a qualidade e vigiando o fabrico destes instrumentos.

A mais antiga viola portuguesa que chegou até nós foi a construída em Lisboa por Belchior Dias em 1581 e constitui o exemplo do nível de perfeição técnico atingido pelos violeiros portugueses quinhentistas, nível esse mantido até finais do séc. XVIII (como comprovam os três exemplares setecentistas também conhecidos). A partir do séc. XIX e com a extinção da Casa dos Vinte e Quatro e dos respetivos grémios dos ofícios, assistimos a um decréscimo do nível de qualidade da construção.

Quanto à viola de arame, as primeiras referências conhecidas em textos escritos datam do último quartel do século XIX, associada ao uso popular. Distinguem-se vários tipos de viola de arame em Portugal: braguesa (que nos ocupa no presente estudo), amarantina, toeira, beiroa, campaniça, madeirense e açoriana ou de dois corações. O exemplar mais antigo que chegou até nós, datado de 1876, foi construído pelo violeiro da cidade do Porto, José F. Sanhudo e representa já, nas suas características principais, o modelo do que será a viola de arame popular portuguesa.





O NOROESTE PORTUGUÊS E A REGIÃO DE BRAGA: A VIOLA BRAGUESA

De fácil execução e boa sonoridade, a Braguesa presta-se quer para solos, quer para acompanhamentos de danças e cantares populares. É, talvez, a viola tradicional portuguesa mais relevante, não só pelas suas características mas fundamentalmente pelo facto de se ter mantido em uso até aos nossos dias e ser amplamente utilizada na música popular portuguesa, sobretudo da região do Minho.

Na zona de Braga desenvolveu-se um núcleo de produção com uma concentração de violeiros significativa, estando a cidade inequivocamente ligada a esta produção (daí ter emprestado o seu nome ao instrumento - viola Braguesa), como aliás de seguida se irá comprovar.

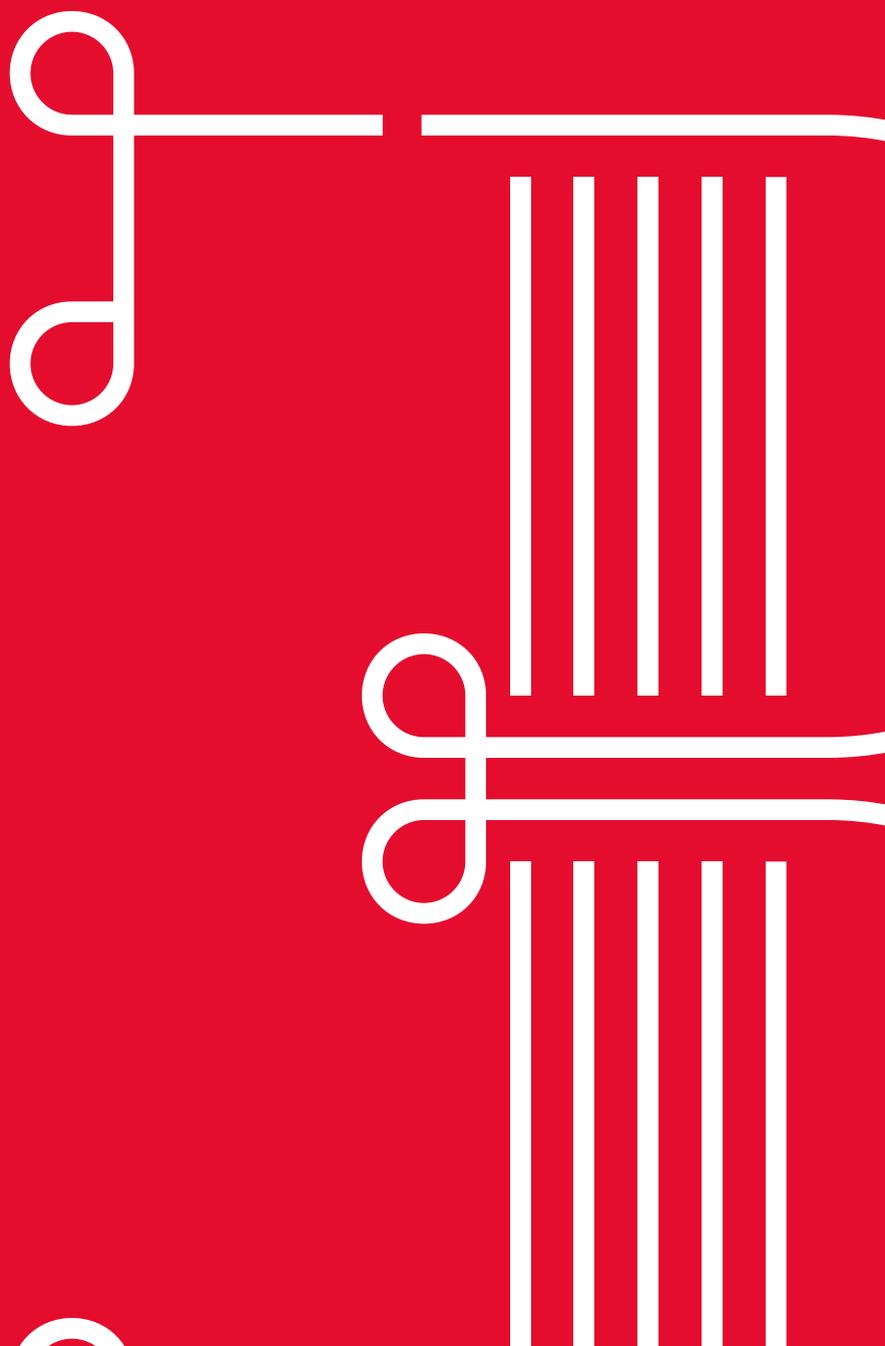
A cidade de Braga era um ponto de encontro e reunião, um local onde as festividades (religiosas e civis) constituíam importantes acontecimentos, sendo que a música era imprescindível nesses festejos. Sobretudo a partir de meados do séc. XVIII, o gosto pela música difunde-se, tanto no setor mais erudito, como no das expressões ditas populares, assistindo-se a uma articulação e troca de influências entre estes dois mundos. A música torna-se cada vez mais ouvida em atos públicos, assistindo-se a uma constante e acelerada laicização dos costumes e mentalidades. A música, enquanto elemento quase exclusivamente litúrgico, torna-se cada vez mais presente no gosto e manifestações populares.

Algumas condicionantes de fundo contribuíram sobremaneira para esta mudança operada na sociedade barroca do séc. XVIII: a acentuada melhoria de condições de vida e aumento de bem-estar das pessoas, o aumento da esperança de vida e o afastamento da obsessão pela morte e pelas catástrofes naturais que dominaram tempos anteriores, o ambiente de riqueza e ostentação que contaminava as classes mais ricas, sobretudo o clero.

Na cidade de Braga, a riqueza e o desenvolvimento económico de alguns setores de atividade (comércio, indústrias e mesteres) e a afirmação de alguns segmentos importantes da sociedade local, tornam o ambiente propício ao desenvolvimento de certas atividades sociais e culturais.

Ora é neste contexto que se expande e aperfeiçoa a indústria artesanal de instrumentos de corda na cidade. Documentada desde 1787, a atividade de construção de instrumentos de corda e a sua aceitação com estatuto de ofício, é seguramente anterior, pois que nesta altura já se assistia a uma ascensão do grupo no meio dos mesteres da cidade de Braga e a sua plena aceitação social. Já em 1764, na Lista das Ordenanças, se confirma a existência de um número significativo de violeiros bracarenses (cujas idade média rondava os 40-50 anos), o que pressupõe um período de formação a apontar para os anos 30 de setecentos (uma vez que a entrada para aprendiz se fazia com 14-15 anos).

Há ainda registo de 2 violeiros com mais idade (Domingos Pereira de 60 anos e Francisco Ferreira com 80 anos) o que recua a atividade ainda mais para trás no tempo e nos permite assumi-la, sem grande margem para erro, já no início do século XVIII. Curioso é também constatar a confluência das moradas destes violeiros (e suas oficinas) em apenas duas ruas da cidade (Rua do Anjo e Rua de S. Marcos).





A partir dos anos 90 do séc. XVIII aparecem sistematicamente construtores de instrumentos musicais de corda nas cartas de exame dos ofícios na cidade de Braga. E em 1804 surge o pedido do mestre Domingos José para o Registo da concessão dos Privilégios obtidos na Real Junta de Comércio da Fábrica bracarense de guitarras, rabecões, rabecas e violetas de Domingos José Araújo (já em laboração anteriormente) e que, seguramente recrutou os seus "operários violeiros" nas numerosas oficinas das Ruas do Anjo e S. Marcos.

Esta distinção comprova a importância desta manufatura, quer a nível técnico (perícia, capacidade e meios), quer no significado que esta arte tinha localmente e para o Reino, sendo um claro testemunho do ambiente cultural e musical que a cidade de Braga viveu no final do séc. XVIII e início do séc. XIX (a nível erudito e popular), corolário do desenvolvimento e nível atingidos pelo ofício dos violeiros bracarenses.



Rua de S. Marcos durante a Procissão de São João a 24 de Junho de 1917.
Referência - AAL000555 [Arquivo Aliança, Câmara Municipal de Braga]



DELIMITAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE PRODUÇÃO

Documentada desde o século XV em Lisboa e desde o século XVII no norte do país, mais precisamente em Guimarães (há referências à participação de violeiros, em 1632, na procissão do Corpo de Deus), a indústria manufatureira de cordofones alterou-se, extinguindo-se em alguns locais e implantando-se noutros, e localiza-se hoje num território mais abrangente. O centro de produção do Porto ganhou importância a partir do século XVIII e XIX e subsistiu e desenvolveu-se o núcleo de Braga que, aliás, deu o nome à viola Braguesa, instrumento popular de cordas de maior relevo no noroeste do país.

No decorrer do presente estudo, foram identificados construtores de violas Braguesas nos seguintes locais da região norte de Portugal: Braga, Felgueiras, Viana do Castelo, Vila Verde, Valongo, Gondomar, Grijó, Santa Marta de Penaguião, Vila Nova de Famalicão, Trofa, Lamego, Espinho.

Sabemos também que existem alguns (e bons) construtores de cordofones noutras regiões do país (continente e ilhas), perfeitamente aptos tecnicamente para a construção de violas braguesas (alguns, aliás, já as executam para resposta a encomendas, assim como os construtores da região estudada também executam outros instrumentos vinculados a outros territórios e práticas musicais).

Assim, achamos que delimitar ao concelho ou distrito de Braga, ou até à região norte do país, a área geográfica de produção deste instrumento musical popular é redutor e prejudicial à expansão e desenvolvimento que se pretende para estes ofícios tradicionais de grande interesse cultural. O diminuto número de oficinas e a especialização dos construtores de cordofones (capazes de construir todo o tipo de violas, cavaquinhos e guitarras) faz com que seja pertinente propor aqui que a área geográfica de produção abarque todo o país, sendo que as violas braguesas certificadas terão que cumprir o estabelecido neste caderno de especificações, independentemente do local do país onde sejam construídas.

Desta forma e como atrás foi referido, propõe-se que a denominação a constar da Indicação Geográfica a aprovar seja "Viola braguesa - Portugal", abarcando assim todo o território nacional.

IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS MATÉRIAS PRIMAS



As madeiras mais usadas no fabrico da viola braguesa são:

Tampo da frente - Pinho da Flandres (também se utiliza tília para exemplares mais modestos).

Fundo - Nogueira (também se utiliza plátano, pau santo, mogno brasileiro, acácia).

Ilhargas (da mesma madeira do fundo) - Nogueira, plátano, mogno, acácia, pau santo.

Braço - Cedro, mogno, plátano, amieiro, acácia.

Escala e cavalete - Pau-preto, sucupira africana, ébano (madeiras duras)

Cravelhas - Cerejeira, pau-santo

O construtor pode utilizar outras madeiras maciças cujas características se aproximem das que aqui são referidas, desde que não comprometam o resultado final pretendido e valorizem a qualidade da viola no que respeita à sua sonoridade.

As suas cordas são de arame de aço fino (à exceção dos 2 ou 3 bordões cuja espessura é grossa) e os calibres das cordas mais utilizadas são, seguindo a classificação de José Lúcio:

1^ªs: Sol 0,25 mm (aço), Sol 0,25mm (aço)

2^ªs: Ré 0,30 mm (aço), Ré 0,30mm (aço)

3^ªs: Lá 0,48 mm (bordão), Lá 0,25mm (aço)

4^ªs: Sol 0,65 mm (bordão), Sol 0,30mm (aço)

5^ªs: Dó 0,88 mm (bordão), Dó 0,48mm (aço) -

atualmente muitos músicos pedem que esta corda seja de 0,30mm.





A nomenclatura das cordas varia consoante o produtor, sendo que não especificamos números nem produtores pois tal não se compadece com os propósitos de um caderno de especificações para a certificação, que não deve direccionar os construtores para este ou aquele fornecedor ou marca. No entanto, sabemos que antigamente só se usavam cordas produzidas em Portugal, nomeadamente numa fábrica localizada em Vila Nova de Gaia que ainda hoje fornece alguns construtores, mas atualmente a maioria dos construtores manda-as vir de fora, pois há mais variedade e a relação qualidade/preço é mais vantajosa.

Utilizam-se ainda outros materiais na decoração e acabamentos da viola Braguesa. São eles colas, vernizes, pequenos parafusos, espelho, acrílicos. Podem ser ornamentadas nos rebordos e boca, com frisos decorativos (a fogo, com incrustações ou embutidos de madrepérola, marfim, osso e madeiras exóticas). De salientar que o uso de materiais de proveniência animal (osso, madrepérola, marfim), embora tradicionalmente fosse muito habitual sobretudo em instrumentos de qualidade superior, está atualmente condicionado a um uso esporádico e autorizado.



DESCRIÇÃO DO MODO DE PRODUÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA VIOLA BRAGUESA - PORTUGAL

Nas palavras de Michel'angelo Lambertini (figura importante no mundo da música dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX que foi executante, maestro, compositor, musicólogo e organólogo, editor, comerciante, organizador e animador de eventos musicais e literários e responsável pela reunião de uma parte considerável do acervo do Museu da Música) "*A nossa viola (d'arame) porem, inspirada sem duvida na viola franceza e na viola hespanhola (que também divergem entre si) não é uma copia nem d'uma nem d'outra. O modelo é diferente, as cordas são outras, até o modo de tocar se não parece. O portuguez fez para o seu instrumento nacional, porque a viola d'arame é que é realmente o seu instrumento nacional, fez um typo especial que se não confunde com nenhum outro. Nascida no Minho (?) ou nascida nas Ilhas portuguezas, a viola d'arame está ligada a velhíssimas tradições e vem mencionada em remotas páginas d'história pátria. (...)*"

A viola portuguesa, nas suas variantes regionais, descende, como já atrás foi referido, do parente popular da vihuela e era tocada por todo o país. Nos dias de hoje subsiste apenas (e em alguns casos raramente) no Minho e Douro Litoral (viola Braguesa e Amarantina), na Beira Litoral (viola Toeira), na Beira Baixa (viola Beiroa), no Alentejo (viola Campaniça) na Madeira e nos Açores.

Trata-se de um instrumento musical popular que integra a categoria dos cordofones (segundo a classificação de C. Sachs e Hornbostel de 1914), isto é, instrumentos cujo elemento vibratório é constituído por uma ou mais cordas esticadas a partir das quais se produz o som. Quer isto dizer que nos cordofones a fonte primária de som é a vibração de uma corda tensionada. As suas cordas são presas a um braço e o comprimento relativo das cordas varia consoante a colocação dos dedos de uma das mãos. Para que a corda vibre, há três métodos principais: beliscado, friccionado (com arco) ou percutido.

A construção dos cordofones exige uma técnica muito mais apurada do que a dos outros instrumentos populares mais rudimentares, pois implica a ponderação de muitos fatores: a qualidade das madeiras consoante as diversas partes do instrumento, o tamanho da caixa de ressonância e o comprimento do braço, a distância entre o cavalete e a pestana, a grossura e o comprimento das cordas, o cravelhame, a distância entre os trastos, a colocação das ilhargas, a colagem das várias partes do instrumento, o tratamento e envernizamento das madeiras e as questões ligadas à afinação e obtenção de boa sonoridade.

A construção de instrumentos musicais é feita tradicionalmente com base no conhecimento prático e experiência acumulados pelos construtores ao longo dos tempos e transmitidos, regra geral, dentro da família às gerações seguintes. Este legado é da maior importância para uma aprendizagem do ofício e para o seu desenvolvimento.

Foram os construtores os responsáveis pela evolução dos instrumentos musicais populares. Não só porque eram, também eles próprios, tocadores e assim se apercebiam das características, potencialidades e fragilidades dos instrumentos, mas também porque as suas oficinas eram locais de encontro de gente interessada e entendida na matéria. E eram os músicos que, perante as limitações sonoras e/ou técnicas que encontravam no instrumento, aconselhavam o construtor a experimentar soluções novas e madeiras diferentes,

corrigir deficiências e melhorar a qualidade do instrumento. A alteração de algumas madeiras, o aperfeiçoamento técnico do braço e das caixas-de-ressonância, o embelezamento do instrumento com incrustações de marfim ou madrepérola, melhorou sobremaneira esta indústria artesanal violeira, tendo a sonoridade do instrumento ficado mais cheia, doce e ampla.

No caso das violas de arame, as duas partes essenciais do instrumento são a caixa acústica e o braço. A função da caixa acústica é ampliar o som da corda quando esta vibra e dela fazem parte o tampo, as ilhargas e o fundo ou costas, sendo que o tampo é a parte da frente da viola, o fundo a parte de trás (ligeiramente ovalado) e as ilhargas as partes laterais que unem o tampo e o fundo. Na parte de dentro do tampo da frente colocam-se cinco barras harmónicas (uma por cada ordem de cordas) que permitem a canalização do som desde o cavalete até à boca. O "enfranche" (espécie de cinta a meio do tampo) é variável, formando dois bojos - característica comum a todas as violas. A boca tem abertura em forma redonda, "boca de raia", corações, oval deitada, etc, consoante o tipo específico de viola (variações regionais). A escala é rasa com o tampo e possui 10 trastes. As cordas são fixadas ao cavalete (colado ao tampo a meio do bojo inferior), passando pelas pestanas ou travessas do cavalete e da escala (que se destinam a transmitir para o tampo harmónico a vibração das cordas) e estendem-se através da escala (rasa com o tampo), até à cabeça onde são presas por cravelhas de madeira ou, mais modernamente, por sistemas de afinadores em forma de leque ou carrilhão (que permitem uma afinação mais rigorosa), passando pela boca da caixa-de-ressonância.





No caso específico da Viola Braguesa, o instrumento tradicional mais popular do noroeste português, trata-se de uma viola de média dimensão, com dez cordas de arame de aço (que compõem cinco ordens de cordas duplas), que se tocam com a técnica de "rasgado" ou "rasgueado" (passagens rápidas, para cima e para baixo, com auxílio das unhas, por norma na formação harmónica de tónica e dominante - entrada "rasgado" no Dicionário de Música de T. Borba e L. Graça). Também pode ser tocada de forma dedilhada.

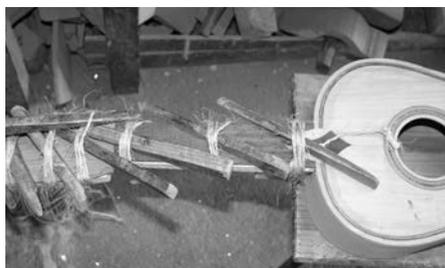
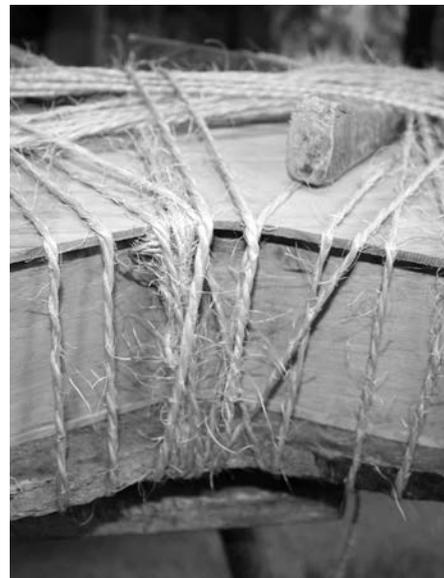
Possuindo 5 ordens de cordas duplas de aço fino ou arame (à exceção de 2 ou 3 bordões, cordas grossas que produzem sons graves), a sua afinação faz-se em uníssono para as duas ordens mais agudas e em oitava para as três ordens mais graves. Embora muito variada, conforme as localidades onde é utilizada e os géneros musicais tocados, as afinações mais usuais são: a que afina do agudo para o grave - Lá, Mi, Si, Lá, Ré (a chamada "moda velha", a mesma afinação da viola Amarantina e apontada por Michel'angelo Lambertini) e a indicada por Manuel Paixão Ribeiro e Armando Leça - Mi, Si, Sol, Ré, Lá (do agudo para o grave). No entanto, como a afinação não influencia propriamente as características formais, técnicas e estéticas do instrumento, mas sim a sua sonoridade e forma de ser tocado, não nos iremos debruçar mais detalhadamente sobre esta questão, competindo ao tocador (e não ao construtor) utilizar a afinação que mais se adequa à específica sonoridade da viola Braguesa e aos trechos interpretados.

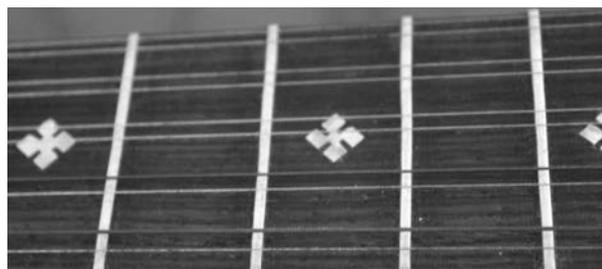
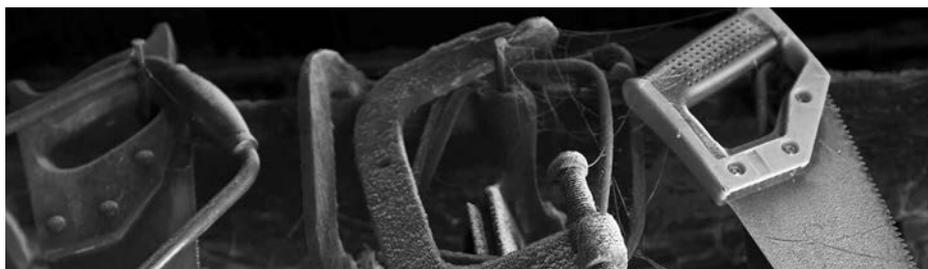
A dimensão da Viola Braguesa não é exata e pode variar (ainda que com diferenças muito pouco significativas):

- comprimento total mais usual é de cerca de 90cm (mas pode variar entre os 85 e 90cm)
- comprimento da caixa entre os 42 e 46cm
- comprimento da cabeça entre os 18 e os 22 cm
- comprimento do braço entre 38 e 42cm
- tiro de corda cerca de 49,5cm
- altura entre 8 e 9 cm
- largura máxima entre 30 e 32cm
- largura mínima (enfranque) 18/20cm

Fases da construção da viola braguesa:

- escolha cuidada e preparação das madeiras para os diversos elementos que compõem a viola;
- preparação das ferramentas e utensílios necessários;
- riscar a madeira para o tampo da frente;
- serrar o tampo da frente;
- riscar a boca do instrumento (redonda, oval deitada ou boca de raia);
- aplicação de embutidos (caso os haja) em torno da boca;
- abrir a boca do instrumento;
- colar a alpatilha ao braço;
- colar o vergueiro (contraforte onde as ilhargas fazem a sua junção) no tampo da frente;
- colar o braço no tampo da frente;
- preparação e acerto das ilhargas que são moldadas com calor;
- colar as ilhargas ao tampo;
- colar as peças interiores: travessas, sanefas e estantilhões;
- colar o fundo;
- colocar numa forma para que o instrumento fique com a forma pretendida, atando com cordas e cunhas, pressionando a madeira (processo de "fundar" o instrumento);
- colar os restantes embutidos no tampo, acertar a escala com o braço, colando-o de seguida e colar o forro à cabeça;
- ovalizar a alpatilha e a parte de trás do braço;
- desempenar;
- colocar os trastos;
- acabamentos: tirar rebarbas, colar o pente, acertar o afinador, raspar, lixar e polir;
- colar o cavalete;
- envernizar;
- colocar o carrilhão, leque ou cravelha;
- colocar as cordas;
- afinar e experimentar a qualidade sonora da viola.





CONDIÇÕES DE INOVAÇÃO DO PRODUTO E NO MODO DE PRODUÇÃO

A Viola Braguesa foi sofrendo alterações ao longo dos tempos de forma a adaptar-se às inovações técnicas que foram surgindo, bem como às exigências dos próprios músicos que a tocam.

Algumas transformações a nível das técnicas de construção - maior amplitude das caixas-de-ressonância, aperfeiçoamento dos braços, substituição das cravelhas pelo carrilhão, introdução de cavaletes de apoio, introdução das barras harmónicas interiores, entre outras, foram-se operando ao longo dos tempos, no sentido de melhorar a performance do instrumento e a sua qualidade sonora.

Nas palavras de um dos maiores construtores de cordofones populares portugueses, Domingos Machado, "a evolução que tem acontecido ao longo dos tempos tem tendência a continuar, dadas as novas exigências e dignidade que, quer o artesão, quer os instrumentos tradicionais precisam para se afirmarem definitivamente como um património inalienável da cultura popular tradicional do povo português".

Assim, a abertura à inovação é total, sempre com o objetivo de melhorar a qualidade sonora do instrumento; mas nunca comprometendo as suas características específicas, que diferenciam a Viola Braguesa de outras violas de arame existentes no nosso país, quer a nível de sonoridade, quer a nível de características técnicas e formais da sua construção.

BIBLIOGRAFIA

As Idades do Som, 2006, IEPF, Lisboa.

Borba, Tomás e Graça, Fernando Lopes - Dicionário de Música, 1996, Vol. II, Ed. Mário Figueirinha, Lisboa.

Cunha, Carlos César - Violas Populares Portuguesas, 1998, Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo, Porto.

Gonçalves, Augusto de Oliveira - As violas portuguesas, 1993, Escola Superior de Educação Jean Piaget, Viana do Castelo.

Henrique, Luís - Instrumentos Musicais, 1999, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Lambertini, Michel'Angelo - Industria Instrumental Portuguesa, 1914, Typ. Anuario Commercial, Lisboa.

Lúcio, José - Cordofones portugueses, 2000, Areal Editores, Porto.

Martins, Bernardino Morais - Evolução, construção e características de instrumentos musicais populares - abordagem antropológica, s/d, Escola Superior de Educação - Instituto de Estudos Superiores de Fafe.

Mendes, António José L. - Viola Braguesa - arte popular, 1994, CEFOPPE, Universidade do Minho, Braga.

Morais, Manuel - A viola de mão em Portugal, 2006, XXII Revista Aragonesa de Musicologia.

Oliveira, Aurélio de - Indústrias em Braga - A Fábrica bracarense de instrumentos musicais in Estudos de História Contemporânea Portuguesa, 1989, Centro de História da Universidade do Porto.

Oliveira, Ernesto Veiga de - Instrumentos Musicais Populares Portugueses, 1964 (1ª edição), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Perdigão, Teresa e Calvet, Nuno - Tesouros do Artesanato Português - Madeiras, 2000, Ed. Verbo, Lisboa.

